

The background of the page is a dark, textured surface with several large, irregular fragments of light-colored stone or pottery. These fragments are scattered across the page, with some showing distinct Roman-era decorative patterns. One fragment on the left features a circular medallion with a rosette design. Another fragment below it shows a grid-like pattern. A third fragment on the right has a series of parallel lines. The overall aesthetic is historical and archaeological.

XVII.

Ocupação Romana da Área Urbana de Lagos:
Novos Dados Resultantes do Projecto URBCOM

Iola Filipe*

Sandra Brazuna**

Carlos Fabião***

Resumo

Os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do projecto URBCOM – Requalificação Urbana da Rua 25 de Abril e Rua Silva Lopes –, pela Empresa Era, Arqueologia S.A, permitiram compilar um importante manancial de informação para a história de Lagos, sobretudo no período romano e Antiguidade Tardia.

Na Rua 25 de Abril registaram-se contextos de cariz industrial, nomeadamente duas cetárias e uma estrutura de grandes dimensões, interpretada como o muro de delimitação da unidade de produção de preparados de peixe já ali identificada em intervenções anteriores. Foi ainda possível observar a presença de contextos de cariz doméstico, essencialmente na área setentrional da rua.

Na Rua Silva Lopes identificaram-se paredes de cetárias, destruídas pela construção do caneiro antigo. Estas evidências permitem colocar a hipótese da(s) unidade(s) de produção escavada(s) nos nº 4-8 desta rua se prolongar(em) para Este, podendo fazer parte de um mesmo complexo a que pertenceriam ainda as cetárias identificadas no espaço hoje ocupado pelo estabelecimento comercial “Bon Vivant”.

Registaram-se ainda evidências inequívocas da existência de uma olaria que produziu ânforas, pelo menos, de dois tipos diferentes (Almagro 51c e um outro que designamos como Algarve 1), nas imediações da unidade fabril da Rua Silva Lopes. Havia já notícias da identificação de um forno nesta área, ainda que sem registo arqueológico, embora se desconhecesse qual o tipo de produções associadas, assim como a sua localização precisa.

Embora as áreas escavadas tenham sido bastante reduzidas e as sequências estratigráficas se encontrassem muito perturbadas por obras anteriores, foi possível documentar o que parece ter sido uma ocupação contínua desde a segunda metade do século I (época flávia) até ao século VI ou mesmo até mais tarde.

Abstract

The archaeological work done by Era - Arqueologia, SA under the project URBCOM – Urban improvement of Rua 25 de Abril and Rua Silva Lopes -, allowed to retrieve a relevant amount of data concerning Lagos’ history, particularly in Roman and Late Antique times.

At 25 de Abril Street, some industrial contexts were uncovered, such as two Roman salting tanks (cetariae) and a large structure, interpreted as the external wall of a fish salted production unit already identified there in previous excavations. Mainly in the northernmost part of the street some domestic contexts were also identified.

At Silva Lopes Street some salting tanks (cetariae) remains were also identified. Unfortunately they were already strongly affected by the building of a gully in Modern times. These evidences allows the hypothesis that the fish salted production unit(s) excavated along the numbers 4-8 of this street and also identified in the space now occupied by the “Bon Vivant” commercial establishment, could be just different parts of one large complex. These remains may be seen as that complex eastern area.

We also found sound evidence of a pottery production centre near the Rua Silva Lopes salted fish industrial complex. The evidence retrieved proves the fabric of at least two types of amphorae (Almagro 51-c and one type we prefer to name Algarve 1). Some information about a ceramic kiln found there was already known despite not being recorded by archaeologists.

The artefact collected didn’t allow firm chronological conclusions on the building or occupation phases, but we have clear evidence for a continuous occupation since the second half of First Century (Flavian times) until the Late Antiquity, Sixth Century AD or even latter.

* Era, Arqueologia S.A. iolafilipe@era-arqueologia.pt

** Era, Arqueologia S.A. sandrabrazuna@era-arqueologia.pt

*** Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, UNIARQ, cfabiao@fl.ul.pt

1. Enquadramento dos Trabalhos Arqueológicos

Os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do Projecto Urbcom – requalificação urbana da Rua 25 de Abril e Rua Silva Lopes (Lagos) – incidiram na área do denominado Centro Histórico da cidade de Lagos, que se encontra abrangida pela ZEP da antiga cerca urbana, usualmente designada como “muralha” (Fig. 1). Administrativamente as Ruas 25 de Abril e Silva Lopes situam-se na freguesia de Santa Maria, concelho de Lagos, distrito de Faro. Os objectivos e estratégias de intervenção foram divididos em três fases diferenciadas: sondagens de diagnóstico, escavação integral das caixas de visita e acompanhamento arqueológico.

Na primeira fase realizaram-se 24 sondagens de diagnóstico (Fig. 2), com o objectivo de identificar contextos arqueológicos preservados, de forma a determinar qual o traçado com menor impacte no património arqueológico a adoptar para os colectores de saneamento. Identificaram-se contextos arqueológicos preservados datados de Época Romana nas sondagens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 11, 18 e 14, no entanto, os dados disponíveis são insuficientes para uma caracterização cronológica e funcional dos espaços, o que se justifica pela exiguidade das áreas intervencionadas e pelo próprio objectivo do trabalho, que consistia somente na identificação de contextos arqueológicos

preservados, remetendo-se para a fase seguinte a escavação das realidades a afectar pela obra. Foi, contudo, possível observar que os contextos de época romana res-peiavam essencialmente à actividade económica de exploração de recursos haliêuticos, à semelhança do verificado em trabalhos anteriores realizados nesta área da cidade (Ramos, Almeida, Laço: 2006; Ramos: 2009).

A segunda fase dos trabalhos consistiu na escavação integral das áreas das chamadas “Caixas de Visita” (fig. 3) dos colectores, tendo já presente a informação resultante das sondagens de diagnóstico.

O acompanhamento arqueológico, terceira fase dos trabalhos, permitiu a identificação, em perfil, de realidades que foram parcialmente destruídas aquando da construção do caneiro antigo, remetendo algumas de forma inequívoca para o período romano.

Apesar das fortes limitações e condicionantes, a informação resultante das diferentes fases do trabalho representa um importante contributo para o conhecimento da ocupação romana em Lagos e, sobretudo, para uma gestão sustentada da evolução urbana.

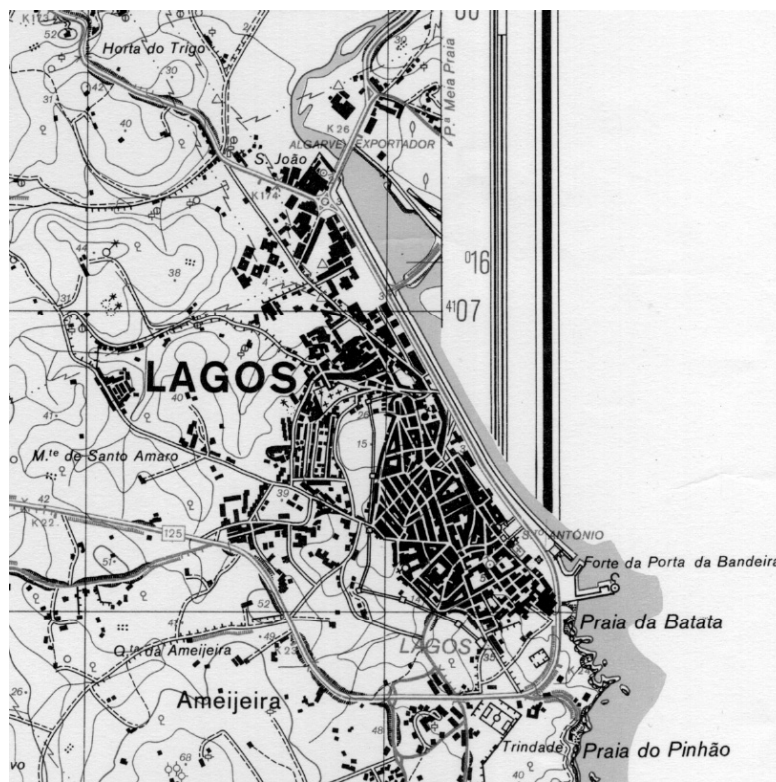


Fig. 1 – Localização da Área Intervencionada na Carta Militar de Portugal, fl. 602. Esc. 1: 25 000

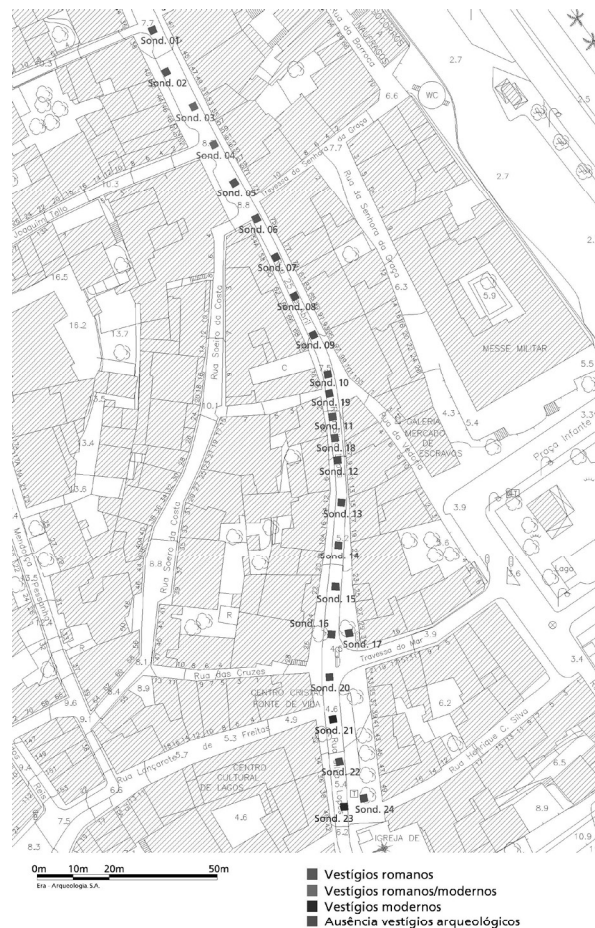


Fig. 2 – Localização das Sondagens de Diagnóstico



Fig. 3 – Localização das Caixas de Visita

2. Trabalhos Realizados

Os trabalhos realizados abrangeram duas das actuais artérias urbanas da cidade, pelo que se afigura pertinente separar as principais observações realizadas em cada uma delas.

2.1. Rua 25 de Abril

Com as naturais limitações decorrentes do tipo de intervenção aqui realizada, julgamos pertinente identificar distintas realidades de época romana na área abrangida por esta artéria actual: uma de cariz marcadamente “industrial”, associada a unidades de produção de preparados de peixe, e outra de natureza residencial.

2.1.1 Ocupação de cariz Industrial

Os contextos arqueológicos identificados na Rua 25 de Abril reportam-se sobretudo a uma ocupação de cariz industrial, como já se tinha verificado na escavação dos nºs 5-8 (Ramos, 2009), materializada na identificação de cetárias, na sondagem 5 e na Caixa de Visita 2 (Fig. 4). Esta área industrial parece ter o seu limite Oeste numa estrutura de grande extensão identificada nas sondagens 4 e 5 e nas caixas de visita 2 e 3 (Fig. 5).

Na Sondagem 4, os depósitos cuja formação se processou num momento posterior à construção da referida estrutura incluíam uma componente artefactual que a permite datar de um período posterior aos meados do século III, podendo prolongar-se até ao século VI o seu funcionamento. Recolheram-se fragmentos de cerâmica de cozinha

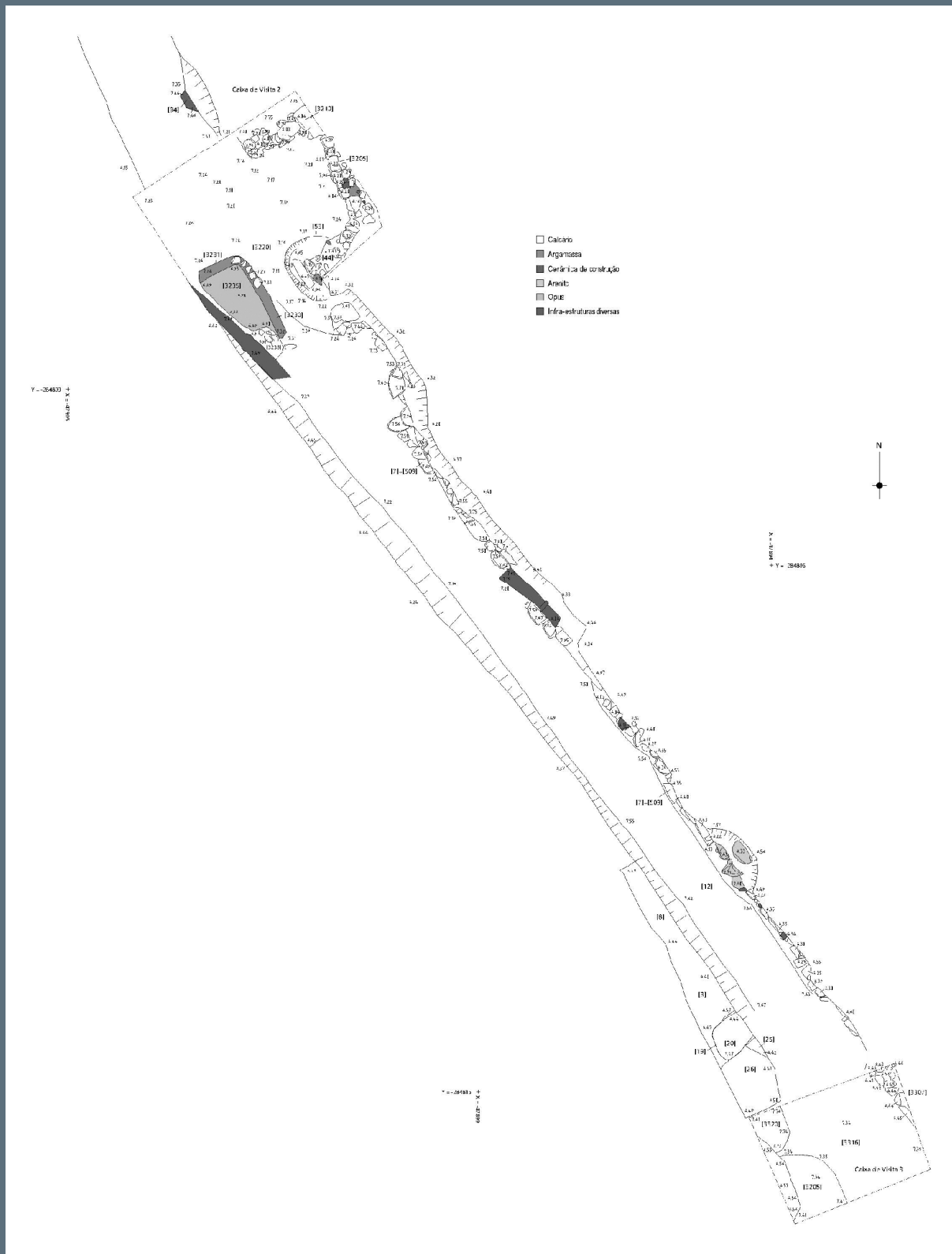


Fig. 4 – Plano Geral das Estruturas identificadas na Vala de Saneamento



Fig. 5 – Vista Geral da Estrutura de Delimitação da Unidade Fabril identificada na Rua 25 de Abril



Fig. 6 – Vista Geral das Cetárias Identificadas na Sondagem 5

africana, de *TSCD*, de ânforas Almagro 51c de produção algarvia e de outras ânforas de uma forma habitualmente designada como Almagro 51 a/b, mas que pensamos merecer uma nova classificação, Algarve 1, como mais detalhadamente comentamos em outro trabalho apresentado no âmbito deste Colóquio. De entre estas últimas, destaca-se um grupo com uma pasta caracterizada pela abundância de elementos calcários, devendo tratar-se da produção local, isto é, da própria cidade de Lagos, como se veio a comprovar nas escavações realizadas na R. Silva Lopes (v. *infra*). Registou-se ainda a presença de um fundo de Dressel 20 ou 23 e de vários fragmentos de cerâmica comum, muito rolada e incaracterística.

A maioria dos depósitos identificados na Sondagem 5 pertence à fase de abandono da cetária (ou cetárias) (Fig. 6), correspondendo o conjunto de materiais mais representativo a fragmentos de *TSCD*, designadamente a forma Hayes 61b, um fragmento de *DSP* de forma indeterminada, cerâmica comum de produção bética (pastas claras de matriz calcária) e uma panela de fabrico manual. No que concerne ao panorama das ânforas, registaram-se fragmentos (um bordo e uma asa) do tipo Keay XVI, provavelmente em depósito residual, e um fragmento de uma produção da Gália, de forma não determinada.

No espaço correspondente à Caixa de Visita 2 registou-se a sequência ocupacional mais complexa, tendo-se identificado dois momentos claramente diferenciados: o mais tardio corresponderá a um espaço doméstico e o mais antigo a um espaço industrial. Relativamente a este último, registou-se uma cetária, sem que pudesse ser directamente associada a qualquer outra estrutura (Fig. 7).

Do conjunto de artefactos recolhido nos contextos relacionados com a ocupação industrial, destaca-se uma asa de ânfora Keay XVI (fig. 8), com a marca ANGE. Esta marca corresponde à versão abreviada da conhecida marca ANGENIALIS, já documentada em Lagos, Mértola e Tróia, para citar exemplos do espaço hoje português (Fabião; Carvalho, 1990). O melhor indicador cronológico para esta marca é sem dúvida o naufrágio Cabrera III, Maiorca, datado com precisão de meados do século III, por uma impressionante carga de moedas, o tesouro do barco (Bost *et alii*, 1992). Esta ânfora foi recolhida num contexto em que a cetária já não desempenhava a sua função inicial, o que permite enquadrar o seu abandono nesta centúria.

Num espaço imediatamente contíguo à cetária, identificaram-se três fossas, cuja abertura cortou o substrato geológico, mas também parte dos depósitos formados após o abandono da referida estrutura. A sua caracterização e interpretação encontram-se condicionadas pelo facto de não terem sido integralmente escavadas, já que excediam os limites da obra. No entanto, a análise da componente artefactual permite datar a última fase do seu enchimento num momento da Antiguidade Tardia, dos fins do século V ou mesmo já do VI (com *TSCD*, formas Hayes 61b e 91b e fragmentos de *DSP* e de ânforas orientais), existindo assim um hiato temporal muito amplo entre o abandono da cetária e o enchimento final destas fossas. Ainda que se coloque a hipótese das fossas não se relacionarem com a utilização industrial do espaço aqui identificada, não significa necessariamente que assim seja, uma vez que podem existir outros



Fig. 7 – Vista do Tanque



Fig. 8 – Ânfora Keay XVI, com marca ANGE



Fig. 9 – Vista Geral do Enchimento da Fossa 3



Fig. 10 – Ânfora Dressel 23 (Bética) proveniente da Fossa 3



Fig. 11 - Ânfora Keay XIXb Alagor 51 a-b (Bética) proveniente da Fossa 3



Fig. 12 - Ânfora Algarve 1 proveniente da Fossa 3

tanques não identificados no decurso dos nossos trabalhos e que se tenham mantido em actividade até estas fases mais tardias.

No depósito de enchimento da Fossa 2 recolheu-se um fundo de ânfora de produção algarvia, provavelmente do tipo que agora identificamos como Algarve 1, e um bordo de *dolium* de produção bética.

A Fossa 3 (fig. 9), ainda que se tenha escavado apenas uma pequena parte, pois excedia os limites da área de intervenção, apresentava um maior manancial de informação, já que um dos seus depósitos de enchimento era constituído por

fragmentos de ânfora, alguns ainda em conexão, tendo-se reco-lhido alguns exemplares quase inteiros. Os exemplares documentados incluíam as formas locais algarvias (Algarve 1) (fig. 12), exemplares do tipo Keay XIXb, de produção bética (fig. 11), algumas produções africanas e gaditanas e uma Dressel 23 (Fig. 10). Registou-se ainda a presença de um pote de cerâmica de cozinha africana. Num momento posterior ao abandono desta fossa destaca-se a presença de fragmentos de ânforas provenientes do Mediterrâneo Oriental, que não puderam ser classificados, pela sua reduzida dimensão.

Na caixa de Visita 3 a sequência estratigráfica revelou-nos distintas fases de ocupação, compreendidas entre os finais do séc. IV inícios do V e um momento mais tardio que se poderá estender até ao século VII. Na fase final da ocupação [3301] recolheu-se uma significativa amostra de *TSCD* de formas tardias (Hayes 90; 91; 99a e 103), que se sobrepunha a uma etapa anterior com formas mais antigas de *TSCD* (Hayes 61; 61b e 89), genericamente datável dos fins do séc. IV ou, com maior probabilidade, já do V. Recolheu-se também, nestes contextos mais antigos, um fragmento de ânfora africana integrável no tipo Keay XXVII, embora não apresente o típico fabrico tunisino, podendo tratar-se de produção tingitana ou mesmo bética.

2.1.2. Ocupação de Cariz Doméstico

A ocupação de cariz doméstico identificou-se nas sondagens 1 e 3 e nas caixas de visita 1, 1A e 2. Esta interpretação foi sustentada pela ausência

de estruturas que possam ser relacionadas de forma inequívoca com actividades industriais e pelo tipo de materiais recolhidos, onde predomina a cerâmica comum e *terra sigillata*, sendo escassos os fragmentos de ânforas.

Nas Caixas de Visita 1 e 1A registaram-se contextos romanos que podem ser interpretados como domésticos, não só pelas características construtivas das estruturas, como pelo conjunto de artefactos associados, predominando a cerâmica comum e alguns objectos de uso pessoal, como sejam os alfinetes de osso.

Na Caixa de Visita 1 recolheram-se fragmentos cerâmicos de diferentes unidades que colam entre si, sugerindo um curto espaço de tempo para a formação destas realidades. A maioria da componente artefactual respeita a cerâmica comum, incaracterística, tendo-se ainda recolhido cerâmica de cozinha africana. As ânforas encontram-se representadas em número pouco



Fig. 13 – Vista Geral do Compartimento identificado na Caixa de Visita 2, interpretado como espaço doméstico



Fig. 14 – Fragmentos de *Terra Sigillata Clara* recolhida nos contextos domésticos

expressivo, pertencendo maioritariamente às formas Almagro 51c e Keay XIX, produção do vale do Guadalquivir, tendo-se igualmente recolhido uma asa da forma Keay XVI e um bordo de uma forma de difícil caracterização, mas que, formalmente, se assemelha à classificada como tardia A, em Tarragona (Remolá Valverdú, 2000: 234-238), embora patenteie um fabrico de características distintas. A presença destes materiais num contexto de derrube permite datar a fase de abandono dos séculos V/VI.

Associado ao momento de abandono registaram-se ainda fragmentos de cerâmica comum, produções lusitanas e béticas, *TSCD*, um fragmento de lucerna africana do tipo Atlante X, mas também um fragmento de bordo de *Terra Sigillata Foceense*, da forma Hayes 3. Nas ânforas, assinala-se a presença das formas Almagro 51c e Keay XVI. A presença de uma asa de ânfora da forma Keay XVI, com uma cronologia centrada no século III, representa um elemento dissonante no conjunto, genericamente mais tardio, e deverá constituir uma presença residual.

Na Caixa de Visita 1A identificou-se uma sucessão de depósitos cuja análise preliminar dos materiais recolhidos permite destacar a presença de cerâmica de cozinha africana, de um bordo de ânfora da forma Almagro 51c (produção algarvia) e de um bico de ânfora africana.



Fig. 15 - Fragmentos de “*Derivadas das sigillatas paleocristãs*” recolhida nos contextos domésticos

Os vestígios de cariz doméstico identificados na Caixa de Visita 2 correspondem a dois muros que delimitam um compartimento (fig. 13). Devido à exiguidade do espaço escavado, não se afigura possível determinar a sua função e a sucessão de depósitos associada regista uma série pouco expressiva de materiais, sobretudo, quando comparada com a recolhida nos contextos de cariz industrial.

Os artefactos mais expressivos são os fragmentos de ânforas oriundas do Mediterrâneo Oriental, embora documentados somente por pequenos fragmentos de bojo, que inibem qualquer tentativa de classificação, que se encontram associadas a exemplares de *TSCD* (Fig. 14), genericamente datadas dos séculos IV a VI. Encontram-se representadas as formas Hayes 91, em diversas variantes, e 61B. Importa ainda referir a presença de exemplares de “*Derivadas das sigillatas paleocristãs*” – DSP (Fig. 15), representadas pela forma Rigoir 3, que pertence à fase mais antiga destas produções, genericamente enquadrável nos séculos IV-V. Dentro desta categoria cerâmica, no sul da Península Ibérica, encontra-se essencialmente representado o designado *grupo provençal*, fabricado na região de Marselha. Apesar das datas apontadas, os estudos de Marselha indicam uma maior longevidade para estas cerâmicas, que se terão produzido ainda nos séculos VI-VII, no entanto, será necessário um estudo mais detalhado deste conjunto para tentar precisar fabricos e cronologias.

Como se disse, embora não tenhamos documentado construções que possam ser funcionalmente interpretadas, a presença em vários estratos desta

área de *tegulae*, uma cerâmica de cobertura que se não costuma utilizar nos telhados das unidades de produção de preparados de peixe, e de *tesselae* soltas, reforça a ideia de que nas imediações das áreas sondadas se localizariam construções de cariz residencial.

2.2 Rua Silva Lopes

Na Rua Silva Lopes registaram-se somente aquilo que designamos como contextos arqueológicos de cariz industrial, neste caso não só os relacionados com a produção de preparados de peixe, propriamente dita, mas também com o fabrico de ânforas necessárias para a exportação destes produtos.

Nas sondagens 11 e 18 identificaram-se estruturas interpretadas como paredes de cetárias (Fig. 16), cuja localização, numa área contígua ao sítio do nº 4-8 da Rua Silva Lopes, onde se estudaram unidades de produção de preparados de peixe, permite colocar a hipótese de terem pertencido a um dos complexos já ali identificados.

Os indícios de uma produção local de ânforas foram obtidos na Sondagem 14 e na Caixa de Visita 7, onde se identificou um depósito com elevada potência estratigráfica cujas características sedimentares, grande abundância de cinzas e carvões, e a presença muito frequente de fragmentos de ânfora com vestígios de terem sido sujeitos a altas temperaturas e com defeitos de fabrico sugerem tratar-se de uma área de despejo relacionada com forno(s) cerâmico(s) (Fig. 17). De facto, este depósito localiza-se próximo da área onde se encontra referenciado, por várias notícias, o achado de um forno, presumivelmente de época romana. No entanto, esta informação nunca tinha podido ser arqueologicamente confirmada. Os trabalhos realizados nos nºs 4 a 8 da Rua Silva Lopes indicavam já a possibilidade de uma “(...) produção local nos arredores da fábrica, destinada a envasar parte dos produtos aqui produzidos.” (Ramos, Almeida, Laço, 2006:91), baseando-se num depósitos de ânforas que se encontravam completas, fracturadas em conexão, que aparentavam defeitos de cozedura (*Idem*: 91).

Verifica-se a presença de exemplares da forma Almagro 51c, mas sobretudo de outros usualmente classificados como Almagro 51 a/b. Estes fragmentos patenteavam duas características fundamentais: apresentavam vestígios de terem sido sujeitos a altas temperaturas, que por vezes

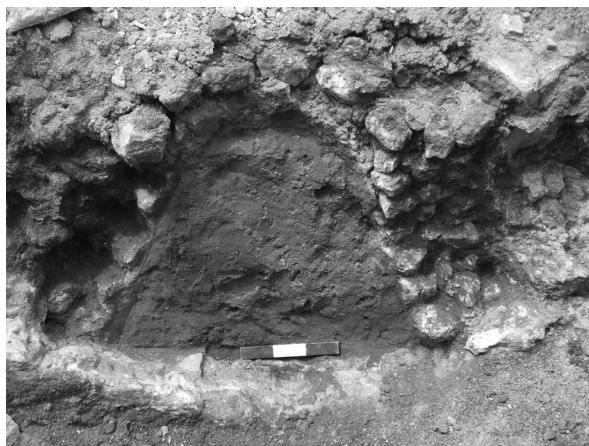


Fig. 16 – Cetárias Identificadas em corte junto aos nºs 4-8 da Rua Silva Lopes



Fig. 17 – Corte Oeste da Sondagem 14 e amostra dos fragmentos de ânfora

geraram fissuras e deformações e uma relativa uniformidade morfológica. De um ponto de vista formal, pode dizer-se que estes exemplares não se afastam dos parâmetros das ânforas algarvias usualmente classificadas como Almagro 51 a/b. Contudo, o fabrico, quer de umas quer das outras, apresenta características singulares, como a presença frequente de elementos calcários e de fósseis marinhos. Assinale-se que, no âmbito das nossas intervenções foram igualmente recolhidos fragmentos de ânforas destes tipos, mas com distintas características de pasta / fabrico.

Por tudo isto, cremos que se pode afirmar em moldes categóricos que existiu uma produção de ânforas, em época tardia, na área urbana de Lagos, provavelmente, destinada a transportar os preparados de peixe ali fabricados. Uma análise criteriosa da morfologia destes contentores e a sua comparação com outros similares encontrados nas olarias algarvias levou-nos a propor uma nova designação para a forma aqui fabricada, por não corresponder aos parâmetros formais definidos por Martin Almagro Bach para as ânforas das necrópoles de Ampúrias (v. a comunicação que sobre este tema apresentamos neste Colóquio). Infelizmente, não foi possível definir com segurança os limites cronológicos destes produtos. O facto de se terem recolhido fragmentos nos níveis tardios, por exemplo, da Caixa de Visita 2, não autoriza, por si, a afirmação de que ainda nessa época se fabricavam ânforas em Lagos. Afigura-se importante tentar cruzar os nossos dados com os obtidos na escavação das unidades da Rua Silva Lopes, onde aparentemente os indicadores cronológicos são mais consistentes (Ramos, Ameida, Laço, 2006; Ramos, Laço, Almeida, Viegas, 2007).

3. Considerações Finais

Uma intervenção de arqueologia de contrato como a realizada no âmbito do URBCOM tem naturais limitações no que respeita às suas interrogações científicas, uma vez que não são essas as questões que definem e orientam os trabalhos, mas sim o alcance das obras realizadas e os níveis de afectação das mesmas. Contudo, depois de concluídas as intervenções, a questão que se coloca é basicamente: o que aprendemos de novo sobre a ocupação antiga na área urbana de Lagos?

A resposta a esta pergunta pode decompor-se em diferentes níveis.

Em primeiro lugar, lográmos encontrar algumas respostas para questões em aberto sobre a ocupação da área urbana de Lagos em época romana. Por um lado, poderemos ter encontrado um dos limites físicos da(s) unidade(s) de produção de preparados de peixe identificada(s) na Rua 25 de Abril e Rua Silva Lopes. Permanecem todavia em aberto várias outras interrogações, designadamente, as que se prendem com a datação do início da actividade de exploração de recursos haliêuticos em Lagos, ritmos de produção e fase terminal da mesma.

Os dados referentes ao início da ocupação romana são residuais no conjunto, não existindo evidências que apontem para uma data específica de forma sustentada. Contudo, a recolha de pequenos fragmentos incaracterísticos de *TS* Gálica e Hispânica e uma asa de ânfora do tipo Dressel 20 com marca, dão-nos algumas indicações. A asa apresenta uma marca onde é visível a sequência ROS(?)...NL, dentro de cartela rectangular. Corresponde a um exemplar da marca RO.SAE NL, recolhida em Huertas del Rio (Lora del Rio) e está associada ao centro oleiro ali existente, ou seja, constituiria um produto da *figlina saenianensia*, integrada no território de *Hispalis* Sevilha. Está datada em torno das décadas de 70-80 do século I d.C., pela sua ocorrência no depósito de ânforas de Bas de Loyasse, Lyon (Chic, 2001; Berni, 2008; CEIPAC 4943). Embora seja a primeira ocorrência desta marca registada em território português, é interessante verificar que se encontra documentada na *Britannia* e na *Germania Inferior* (CEIPAC 5670; 16819), isto é, em duas áreas abastecidas pela via atlântica, que implicava a circum-navegação da Península Ibérica. Trata-se seguramente de uma das peças mais antigas de toda a intervenção. Mas, por se apresentar numa asa muito fragmentada e com claros sinais de rolamento deverá ser considerada uma realidade residual, associável a ocupações mais antigas que se encontrarão nas imediações, como foi notado nas distintas intervenções realizadas em unidades de produção de preparados de peixe desta área da cidade (Ramos, Almeida, 2005; Ramos, Almeida, Laço, 2006; Ramos, 2008) – neste mesmo Colóquio foram apresentados mais elementos referentes a uma ocupação da área urbana de Lagos em época flávia. Sublinhe-se, porém, que estes dados significam apenas que havia ocupação no local nesta época, não esclarecem minimamente sobre a sua natureza, nem autorizam a suposição de que já então a exploração de recursos marinhos

constituísse relevante actividade, mas também não excluem essa possibilidade.

Assim, embora não tenhamos dados sobre os primórdios da actividade de produção de preparados de peixe, temos informação cada vez mais consistente sobre o seu fim. No âmbito das intervenções URBCOM recolhemos indícios de que durante o século VI ou mesmo o VII, o local se mantinha ocupado e activo, recebendo importações de variada origem, uma hipótese que já havia sido avançada para a(s) unidade(s) de produção dos nºs 4-8 da Rua Silva Lopes (Ramos, Almeida, Laço, 2006:93; Ramos; Laço; Almeida; Viegas, 2007). No que concerne ao complexo de produção de preparados de peixe da Rua 25 de Abril (Ramos, 2006), os seus limites a Oeste podem ter sido identificados na Sondagem 5, já que se registaram duas cetárias e um muro, tendo sido possível durante a escavação das caixas de visita e o acompanhamento recolher elementos que permitem colocar a hipótese de se tratar da delimitação do complexo. Na Rua Silva Lopes, na Sondagem 11, e durante o acompanhamento desta área da Vala, identificaram-se cetárias, destruídas pela construção do caneiro antigo. Estas evidências permitem colocar a hipótese de uma das unidades de produção intervencionadas nos nº 4-8 se prolongar para Este, podendo fazer parte do complexo identificado no espaço hoje ocupado pelo estabelecimento comercial “Bon Vivant”.

As informações orais da existência de um forno, supostamente localizado nas imediações da unidade fabril da Rua Silva Lopes, foram confirmadas pelos dados da Sondagem 14 e, posteriormente, pela escavação da Caixa de Visita 7 e dos diferentes ramais abertos nessa zona. Foi aqui identificado um depósito caracterizado por um sedimento negro, com manchas de argila laranja, com significativa presença de fragmentos de ânforas, sobretudo de bojós. Estes fragmentos patenteavam duas características fundamentais: por um lado, indícios de terem sido sujeitos a elevadas temperaturas e deformações ou evidentes defeitos de fabrico. Os fragmentos apresentavam uma pasta bem característica, ainda que por vezes queimada, caracterizada pela presença de nódulos calcários, chamota e micro fósseis marinhos, suficientemente distinta das pastas conhecidas em outros centros de produção de ânforas do Algarve. Nos fragmentos em que foi possível a classificação

tipológica, foram identificadas duas categorias formais: a forma Almagro 51c, de pequenas dimensões e, sobretudo, aquela normalmente denominada Almagro 51 a/b – como em outro lugar indicamos, parece pertinente propor uma outra classificação para estes exemplares. Estes dados, analisados conjuntamente com a informação oral da existência de um forno e com os vestígios identificados na escavação dos nº 4-8 da Rua Silva Lopes (Ramos, Almeida, 2005; Ramos, Almeida, Laço, 2006), confirmam plenamente a existência de uma produção local de ânforas, nas imediações das unidades de produção de preparados de peixe ali existentes.

Esta situação de proximidade física entre olaria e unidades de produção de preparados de peixe coloca novas questões sobre os modelos económicos de exploração dos recursos marinhos no sul da Lusitânia, na Antiguidade Tardia, e questiona aquilo que se supunha ser a organização económica da região. De facto, em trabalhos anteriores (Fabião, 2004), tínhamos sugerido que o grande complexo oleiro da praia do Martinhal (Silva; Soares; Correia, 1990; Bernardes, 2008) poderia ter distribuído ânforas para todos os centros produtores de preparados de peixe do Barlavento algarvio, desde a Boca do Rio até Lagos, passando pela Praia da Luz (Parreira, 1997). Infelizmente, faltam-nos dados de cronologia fina, para correctamente datar os diferentes ciclos e ritmos de laboração em cada um destes locais, como nos faltam os estudos das ânforas encontradas em cada um deles, para podermos determinar qual o contributo concreto de cada para a economia local.

No estado actual dos conhecimentos, duas hipóteses se poderão colocar: a do grande centro oleiro do Martinhal ter convivido com outras olarias, provavelmente de menor entidade, sem que possamos saber desde quando tal aconteceu; a da produção de ânforas de Lagos ter surgido depois do abandono daquele grande centro oleiro ou, pelo menos, do seu declínio – infelizmente, não temos dados cronológicos seguros para os inícios da produção de ânforas em Lagos, embora pareça que ainda se fabricavam no séc. VI, sobretudo, atendendo aos dados da R. Silva Lopes (Ramos, Almeida, Laço, 2006:93; Ramos, Laço, Almeida, Viegas, 2007), mais consistentes do que os obtidos nas intervenções URBCOM. No primeiro caso, teríamos somente mais um apontamento a

sublinhar a inequívoca pujança da exportação dos preparados de peixe algarvios, na Antiguidade Tardia, embora num quadro económico claramente mais complexo do que anteriormente supúnhamos; no segundo caso, teríamos um novo dado sobre as transformações da economia local, decorrentes da dissolução política do Império Romano do Ocidente. A actividade de produção e exportação não teria cessado, mas teria diminuído a sua relevância, desfazendo-se progressivamente as antigas economias de escala, substituídas então por um quadro distinto, de pequenos núcleos tendencialmente auto-suficientes em todos os aspectos do fabrico e exportação dos recursos haliêuticos. Em suma, não já a grande olaria, distribuindo para diferentes centros produtores de preparados de peixe, mas produtores de menor entidade, realizando todas as tarefas necessárias à sua actividade, o que nem sequer exclui uma continuidade, em moldes mais modestos, da olaria da praia do Martinhal, junto à qual, diga-se, foram também identificadas cetárias – v. comunicação apresentada neste mesmo Colóquio.

Mas, se por um lado é evidente a existência de uma ampla frente de unidades de produção de preparados de peixe no subsolo da actual cidade de Lagos, uma vez que aos dados aqui debatidos se deverão somar os já documentados por Estácio da Veiga, que realizou uma pequena escavação em frente da Igreja da Graça [actual Largo Tenente Cabeçadas] onde identificou uma cetária (Veiga, 2006: 126-130) e outras três, aparentemente de pequenas dimensões, estudadas na R. do Castelo dos Governadores, no âmbito das intervenções arqueológicas do programa Polis (Serra, Diogo, 2008), tal não esclarece de todo qual seria a natureza do aglomerado existente no local, em época romana. Uma vez mais, nas intervenções do URBCOM foram identificados dados de natureza residencial, designadamente algumas estruturas de função desconhecida, cerâmicas de cobertura, designadamente *tegulae*, e tesselas de mosaicos. Nada de novo, diga-se, porque elementos análogos tinham sido já identificados na intervenção da Rua Silva Lopes, em contextos revolidos, nos níveis de abandono do complexo de produção de preparados de peixe (Ramos, Almeida, 2005; Ramos, Almeida, Laço, 2006), bem como em outros lugares indeterminados do subsolo da actual cidade (Santos, 1971: 116-118).

A estas informações, poderia acrescentar-

se o volume de materiais importados que se documentou nas presentes intervenções e que inclui ânforas oriundas da vizinha Andaluzia, Norte de África e Mediterrâneo Oriental, cerâmicas finas gaulesas, desde a *TS* de La Graufesenque, à DSP, passando pela chamada *Sigillata* luzente, cerâmicas finas africanas, com especial destaque para a *TSCD*, mas também lucernas, e ainda *Sigillata* foceense. Também neste domínio, nada mais temos do que o crescimento quantitativo de um padrão de importações já anteriormente bem documentado (Ramos, Laço, Almeida, Viegas, 2007).

Naturalmente, estes dados permitiriam alimentar o debate sobre a possível localização da antiga cidade de *Laccobriga*, mais ou menos presente desde os primórdios do estudo arqueológico da região, como bem sublinhou Ana Margarida Arruda (Arruda, 2007), que nos últimos anos vem dirigindo um importante projecto de investigação no Monte Molião, na outra margem do estuário do rio de Lagos (Arruda, 2007; Arruda, Sousa, Bargão, Lourenço, 2008), e crescentemente alimentado pelas contínuas descobertas realizadas na área do centro histórico da cidade (Duque, Morán, Filipe, Almeida, Costa, 2006).

Sobre este tema, pouco se poderá acrescentar. A existência de arquitecturas sofisticadas, que a presença de mosaicos denuncia, está igualmente documentada em outros sítios de época romana do Barlavento algarvio, designadamente, em locais como a Boca do Rio ou a Praia da Luz, sem que por tais motivos alguém alvite a possibilidade de ali existirem cidades. O padrão das importações de artigos exóticos, que até poderia encontrar paralelo no registado em centros urbanos como *Balsa* (Viegas, 2006) ou *Ossonoba* (Viegas, 2008), não deixa também de assumir análoga expressão em outros locais, como o Milreu, Faro, ou o Serro da Vila, Loulé (Teichner, 2008). Não vemos, portanto, a partir destes dados, como decidir se estamos perante indícios de urbanidade ou, simplesmente, de um novo exemplo destes complexos sítios romanos algarvios, de difícil caracterização.

Mesmo sem responder a algumas destas questões maiores, o conjunto das intervenções realizadas no âmbito do URBCOM contribuíram para o enriquecimento do conhecimento da topografia e dinâmica da ocupação romana no subsolo da cidade de Lagos, cumprindo assim a principal função da chamada arqueologia de contrato.

Bibliografia

- Arruda, A.** (2007) – *Laccobriga. A ocupação romana na baía de Lagos*. Lagos: Câmara Municipal de Lagos.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Bargão, P.; Lourenço, P.** (2008) – Monte Molião (Lagos): resultados de um projecto em curso. *Xelb* 8(1), 5º Encontro de Arqueologia do Algarve, 25 a 27 de Outubro 2007), pp. 137-168.
- Bernardes, J. P.** (2008) – O Centro Oleiro do Martinhal, *Xelb* 8(1), 5º Encontro de Arqueologia do Algarve, 25 a 27 de Outubro 2007), pp. 191-212.
- Berni Millet, P.** (2008) – *Epigrafia anfórica de la Bética. Nuevas formas de análisis*. Barcelona: Universitat de Barcelona (Col.lecció Instrumenta, 29).
- Bost, J.-P.; Campo, M.; Colls, D.; Guerrero, V.; Mayet, F.** (1992) – *L'Épave Cabrera III (Majorque). Échanges commerciaux et circuits monétaires au milieu du III siècle après Jésus-Christ*. Paris (Publications du Centre Pierre Paris).
- CEIPAC = Base de Dados CEIPAC <http://ceipac.ub.edu>
- Chic García, G.** (2001) – *Datos para un estudio socioeconómico de la Bética. Marcas de alfar sobre ánforas olearias*. 2 vols. Écija: Gráficas Sol.
- Duque, L.; Morán, E.; Filipe, I.; Almeida, P.; Costa, C.** (2006) – Um caso de estudo: Necrópole tardo-romana no Centro Histórico de Lagos. *Xelb*, 6 (Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 20, 21 e 22 de Outubro de 2005), pp. 27-40.
- Fabião, C.** (2000) – O sul da Lusitânia (Algarve português) e a Baetica: concorrência ou complementaridade? In: *Congreso Internacional Ex Baeticae Amphorae (Sevilla-Écija, 1998)*, vol. II, pp. 717-730.
- Fabião, C.** (2004) – Centros oleiros da Lusitânia. Balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In: Bernal, D.; Lagóstena, L. (eds.) *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d. C.)*. Vol. 1. Oxford: BAR (IS 1266), pp. 379-410.
- Fabião, C.; Carvalho, A.** (1990) – Ânforas da Lusitânia: uma perspectiva. In: **Alarcão, A.; Mayet, F.** (Eds.) *Tipologia, Produção, Comércio, Actas das Jornadas de Estudo realizadas em Conímbriga em 13 e 14 de Outubro de 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, pp. 37-63.
- Hayes, J.W.** (1972) – *Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.
- Keay, S.** (1984) – *Late Roman amphorae in the western Mediterranean. A typology and economic study: the Catalan evidence*. 2 vols. Oxford: BAR (I S 196).
- Parreira, R.** (1997) – O Salvamento Arqueológico das Ruínas Romanas da Praia da Luz (Lagos): as Oficinas de Salga a Oriente do Balneário (Escavações de 1987-1988). *Setúbal Arqueológica*, vol. 11-12, pp. 241-248.
- Remolá Vallaverdú, J.** (2000) – *Las ánforas tardo-antiguas en Tarraco (Hispania Tarraconense)*. Barcelona: Publicaciones de la Universidad de Barcelona.
- Ramos, A. C.** (2008) – Novos dados sobre a ocupação antiga do Centro Histórico de Lagos. A intervenção na Rua 25 de Abril, nº 53-55. *Xelb*, 8, 5º Encontro de Arqueologia do Algarve, 25 a 27 de Outubro 2007), pp. 87-98.
- Ramos, A. C., Almeida, R.** (2005) – O Complexo Industrial Conserveiro de Época Romana da Rua Silva Lopes. Resultados de uma Intervenção de Emergência no Centro Histórico de Lagos. *XELB* 5, Actas do 2º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 17 e 18 de Outubro de 2003), pp. 101-118.
- Ramos, A. C.; Almeida, R.; Laço, T.** (2006) – O Complexo Industrial da Rua Silva Lopes (Lagos). Uma primeira leitura do sítio e análise das suas problemáticas no quadro da indústria conserveira da Lusitânia meridional. In: Silva, C. T.; Soares, J. (dir.) *Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas Durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. Setúbal Arqueológica, 13, pp. 83-100.
- Ramos, A. C.; Laço, T.; Almeida, R.; Viegas, C.** (2007) – Les Céramiques communes du VIe s. du complexe industriel de salaisons de poisson de Lagos (Portugal). In: Bonifay, M.; Trégliat, J.-C. (dir.) *LRCW 2. Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry*. Oxford: BAR (I S 1662-1), pp. 85-97.
- Santos, M^a. L. E. V. A.** (1971-1972) – *Arqueologia romana do Algarve*, 2 vols., Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Serra, M.; Diogo, M.** (2008) – Polis de Lagos – resultados preliminares. *Xelb*, 8, 5º Encontro de Arqueologia do Algarve, 25 a 27 de Outubro 2007), pp. 215-222.
- Silva, C. T., Soares, A., Correia, H.** (1990) – Produção de Ânforas Romanas no Martinhal (Sagres). In:

Alarcão, A.; Mayet, F. (Eds.) *Tipologia, Produção, Comércio, Actas das Jornadas de Estudo realizadas em Conímbriga em 13 e 14 de Outubro de 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, pp. 225-246.

Teichner, F. (2008) – *Entre tierra y mar. Zwischen Land und Meer*. 2 vols. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Stvdia Lusitana, 3).

Veiga, S. P. E. (2006) – *Paleoetnologia. Antiguidades monumentais do Algarve. Tempos Históricos*. Silves: Câmara Municipal de Silves / Museu Nacional de Arqueologia (edição que compila os capítulos da obra de Estácio da Veiga sobre aquilo a que chamava a “Arqueologia Histórica”, porque a edição moderna não incluiu a Carta Arqueológica, propriamente dita, não dispensa a leitura da edição original, saída em três volumes diferentes de *O Archeólogo Português*).

Veiga, S. P. E. (1904) – Antiguidades monumentaes do Algarve. Capítulo V Tempos historicos. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 9, pp. 202-210.

Veiga, S. P. E. (1905) – Antiguidades monumentaes do Algarve. Capítulo V Tempos historicos. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 10, pp. 6-14.

Veiga, S. P. E. (1910) – Antiguidades monumentaes do Algarve. Capítulo V Tempos historicos. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 15, pp. 209-233.

Viegas, C. (2006) – *A Cidade Romana de Balsa (Torre de Ares – Tavira): (1) A terra sigillata*. Tavira: Município de Tavira.

Viegas, C. (2008) – A cidade de *Ossonoba*: importações cerâmicas. In: *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular Hispânia Romana (Faro, 2004)*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 215-231.

